

A MÁQUINA DO ABRAÇO: QUANDO UMA MORDIDA, UM APERTO SE TORNA UMA ESPERANÇA

MAGDA DI RENZO

Em um quadro intitulado: *O abraço amoroso do universo*, a artista Frida Kahlo conseguiu exprimir magistralmente a dramaticidade de um gesto que quando explicado contradiz a si mesmo, comunicando uma frieza estática de uma relação sem Eros, inspirando-se na iconografia sacra que vê Sant`anna cercar amorosamente a Madona com a criança. A pintora de fato quis colocar em cena personagens que mesmo participando de uma mesma cena aparecem totalmente isolados um do outro, os olhares projetados no infinito não consentem um compartilhamento e os braços que rodeiam os corpos uns dos outros são totalmente privados de um dinamismo que impregnaria de afeto um movimento de dar e receber do outro. Os ingredientes estão todos lá presentes no olhar do observador, porém a sensação é que existe um gelo, uma frieza e isso determina uma confusão na decodificação, na interpretação da visão. Dorneus diz: "*Ninguém chega até o céu que vocês procuram, se não é iluminado por um ser que vem do céu que vocês não procuram*" Jung -1955.

E essa aparente contradição consente ao acesso daquele dinamismo inconsciente que permeia de vida qualquer gestualidade humana e que faz transformar um simples movimento em uma verdadeira manifestação de amor. O abraço então, no quadro de Kahlo não é amoroso, apesar da elucidação do título, porque falta à ele um imposto secreto paradoxal do Sulphur que de um lado enquanto corruptor, é vizinho do diabo e do outrolado surge como um paralelo do Cristo.

"*O impulso que nos impulsiona à agir*", diz Jung -1955, é o grande mistério da vida humana sendo um traço da nossa vontade consciente, da nossa razão de um elemento inflamável que algumas vezes aparece como um fogo que devora e em outras como um calor vivificante.

O enxofre, de fato é concebido na alquimia como um fator que move a consciência e Jung o descreve como um impulso proveniente do interno, uma interrupção da solicitação involuntária subordinada à consciência que pode andar do simples interesse ao ser completamente possuído. Em termos

evolutivos, o impulso proveniente do interno é aquele movimento que consente às mães de ativarem a *preocupação materna primária* (Winnicott) e o *Reverie* de Bion- no confronto com a própria criança e que permite à esse último presenciar o arquétipo das origens, aquele de andar na direção que ativa a responsabilidade, a resposta, a participação materna rendendo a díade num terreno de encontro e troca afetiva.

Podemos imaginar a precoce luminosidade da mente da criança, disse Kalsched, em forma de estrutura arcaica, uma parte somática e a outra mental, as quais organizam a experiência graças a essas mediações suficientemente boas de uma mãe empática, atribuem os primeiros sinais de significado. Esse processo acelera com o desenvolvimento da linguagem simbólica iluminando o mundo até então indiferenciado da criança, produzindo um efeito análogo à ascensão celestial depois de milhares de anos de escuridão (Kalsced, 2001).

O abraço que acolhe delinea o invólucro no corpo da criança. É um holding descrito por Winnicott e marca presença no mundo graças a ascensão que a mãe faz ativar com o seu calor vivificante. Um abraço devoto que dinamicamente e evolutivamente consente a formação e aceitação de conteúdos psíquicos enquanto epifania de manifestações sensoriais.

Houzel, teorizando o conceito do invólucro psíquico faz uma comparação a um campo de força que organiza a sensorialidade emergente da criança à uma forma precisa graças a atração constituída pelo corpo da mãe. De tal modo que o mamilo evidenciado por Bick e Bion vira o contenedor das pulsões orais primitivas e antecipa o objeto. Houzel faz a hipótese que o invólucro psíquico assim definido por Anzieu seja constituído por 3 estratos e precisamente são: película, membrana e habitat que consentem gradualmente a estruturação dos materiais perceptivos e motores segundo pontos de referência espacial e temporal levando a criança para uma disposição coerente e estável do mundo interno. É necessário porém, que os três estratos tenham uma interação entre eles senão a construção que deriva dali tem um risco de ser vazia, sem contato com a vida pulsional e emocional.

Uma forma de habitat vazio por exemplo é o falso ser, o **falso ego** de Winnicott; **a personalidade como ser** de Deutsch e a **superficialidade** de Meltzer e também **a segunda pele** de Bick.

Formulo a hipótese, disse Houzel, que a quantidade adequada do invólucro psíquico, aquele que permite de acolher as diversas partes do selfie e de favorecer a integração, depende dos níveis mais primitivos da bissexualidade psíquica. A qualidade de receptividade e a agilidade podem desprender-se em um aspecto duro desprovido de cada receptividade e o aspecto mole que é desprovido de forma e consistência, mas que podem ter posição destrutiva. Se uma criança então experimenta um contato com o contenedor deformado ao infinito ou muito rígido, não tem a possibilidade de construir um invólucro psíquico satisfatório e rico de conteúdos.

Como não pensar na dialética entre o enxofre vermelho como representante do princípio másculo e ativo do sol e aquele branco que representa o princípio feminino e receptivo da lua?

Ou ainda no dinamismo entre os aspectos construtivos do sal como um princípio feminino de Eros que põe todas as coisas em relação recíproca e o seu aspecto mortífero, aquele que como sublinha Jung, se apresenta como assassino do Sulphur, infringindo uma ferida incurável?

Como acontece com uma criança quando não consegue ativar na mãe aquela faísca capaz de atraí-la na profunda obscuridade diferenciada do inconsciente e não pode encontrar um abraço que ao delinear ativamente os confins de seu corpo lhe conceda também a possibilidade receptiva de preencher os conteúdos do mundo? E como pode responder uma mãe que não é iluminada do céu *que não procura* para encontrar o céu que procura, mas não encontra no corpo do seu filho aquilo que se faz transpassar mas não atravessar os seus olhos que não veem?

E é essa tragédia colocada na imagem do quadro da Frida Kahlo que se desenvolve na díade mãe e filho quando o autismo se faz apresentar como assassino desse Sulphur, cristalizando os elementos sensoriais e impedindo a misteriosa alquimia que se dá nessa dança da vida através dos processos de sintonização (Stern, 1987). Nesse caso, de fato o invólucro psíquico primitivo, a película, não se faz orientar do exterior e a criança se confronta com uma angústia impensável ligada a um mundo que está em torno dele mesmo, totalmente incontrolável (Houzel) que não consente uma distinção dentro e fora. A falta de uma direção privilegiada no invólucro psíquico primitivo faz

comque a membrana que vem a constituir-se permaneça simbiótica porque vem a faltar essa junção, língua/ mamilo , que conecta o sujeito ao sujeito produzindo uma trama que se inscreve sobre pele psíquica. Sem a delimitação desse espaço psíquico não pode ocorrer a ligação então na criança autista, aquela função simbólica que continuaria a crescer o habitat por toda uma vida nutrindo-se de sal e Sulphur como ativadores e contenedores de uma experiência.

No mundo feito em si mesmo de fato a criança autista vive no próprio corpo a confusão da falta de orientação e busca sem interrupções uma satisfação que produza ao menos um pouco de calma diante desse desconforto diabólico que chega do exterior e que faz temer pela sua própria incolumidade.

Afirma Jung: *Tudo aquilo que é consciente pode ser corrigido*".

Significa que, aquilo que invés de fugir do inconsciente é subtraído para sempre a possibilidade de vir a ser corrigido pode gerar então uma proliferação muito mais disturbada e destrutiva.

Proliferações que obviamente não estão mais numa relação com o exterior e que aparecem não comensuráveis aos cuidados, as vezes muito amorosos que vem do ambiente.

As emoções, de fato não possuem um contenedor no qual se guardariam no espaço/tempo claustrofóbico no qual surgem como única e intensa expressão, a gestualidade estereotipada que com seu ritmo extenuante e sem interrupção leva a criança ao centro da existência vital como se aquele gesto que nasce desse lugar escondido pudesse exprimir alguma coisa de *Arrheton* (indizível/o não dito) que é alguma coisa que não pode ou não quer aparecer no consciente.

Disse ainda Jung "... é a presença de uma realidade inconsciente que torna repetitivo um reclamar por uma consideração e atenção da consciência.

Mas como sublinhou (Kalsched, 2001) : *O mundo interno da criança que vive uma situação traumática é persistentemente negativo, porque a defesa arquetípica do ser se organiza muito precocemente "pra unir todos os elementos da experiência e da percepção que são conexos em torno da criança no mundo de objetos que tem um traumatizado."*

A auto destruição apresentado pelas crianças autistas, pode ser vista segundo Stein, como uma união do ser primordial e é a partir deste eu que criança troca com os esses invasores estrangeiros provocando uma interrupção da doença auto imune da psique na qual, parte da personalidade sofre uma troca por elementos estranhos de acolhimento. O sal assassino do Sulphur, apresentado como um invasor estrangeiro realiza o seu trabalho encapsulando uma parte da psiqué e a isolando do externo de modo a impedir qualquer forma de socorro também amoroso que possa provir da mãe ou de um representante materno para o interno. Através desse cenário é que podemos compreender o significado do senso da Máquina do Abraço que representou Temple Grandin nos momentos de maior falha sensorial na falta de conteúdo de abraço materno.

Grandin, teve a ideia de construir a Máquina do Abraço durante suas férias no período de adolescência num rancho de uma tia muito carinhosa que lhe dava muita atenção e cuidado como ela mesma conta na sua autobiografia de 1986. Nos primeiros anos de vida ela sentia sensações que chegavam à ela, muitas vezes de um modo exageradamente amplificado e que outras vezes não chegavam nunca e ela era pega por impulsos irracionais que podiam acarretar reações violentas sobretudo se houvessem frustrações do mundo externo. Apesar dos ataques provenientes do seu caótico mundo exterior, Grandin consegue desenvolver muito cedo uma notável capacidade de concentração e uma atenção seletiva que vai permitir assim criar um mundo próprio, uma interrupção dessa ilha de paz, aonde o tumulto externo podia ser diminuído de modo com que as pessoas parecessem ser transparentes. Nas suas passagens pelo rancho da tia ela teve a oportunidade de observar cotidianamente o lugar reservado a criação dos animais e ficou muito mexida com as imagens de uma máquina de madeira que era utilizada para acalmar os vitelos num momento muito particular porque era o momento onde eles iriam ser abatidos e ela entendeu que podia construir uma para ela mesma.

Como houve a chance de explicar muitos anos depois Oliver Sacks (1995), essa máquina exercitaria uma pressão firme porém prazerosa no corpo, das costas até aos joelhos uma pressão constante variável e pulsante, graças a um compressor que vem comandado pela parte interna.

“Quando era pequena desejava muito ser abraçada mais ao mesmo tempo eu tinha terror de qualquer contato físico quando eu era abraçada sobretudo pela minha tia preferida. Eu me sentia um pouco sufocada pela sensação e eu tinha sensação de paz e de prazer mas também de terror”.

A Máquina do Abraço regulada para administrar um abraço nos parâmetros que ela criava, consentia então um encontro com calma e prazer. O qual ela sempre buscou ter e que jamais conseguiu realizar entre os braços de pessoas amadas. Nessa máquina ela se deixava abraçar principalmente nos momentos nos quais ela sofria alguma frustração. Foi através da Máquina do Abraço que Grandin teve a possibilidade de viver experiências sociais com colegas vencendo várias dificuldades. Com o tempo Grandin, que conseguiu um diploma, fundou uma empresa e começou a trabalhar em todo mundo como uma consultora *freelancer* e como uma projetista para zootecnia. O seu interesse pelos animais a levou a idealizar tratamentos mais humanos nos matadouros para fazer de modo com que esses animais que iam ser abatidos sofressem menos. O contato assim mais próximo com os animais permitiu à ela compreender e sentir uma empatia que ao contrário, com os seres humanos ela podia experimentar somente no nível mental já que tinha terror deste contato corporal.

Grandin sustenta que a máquina não dá só prazer e relaxamento mas também uma abertura diante dos outros. Relaxa ali dentro e com frequência o pensamento vai até sua mãe, sua tia preferida e suas ex professoras. Sente que essas pessoas a amaram também consegue sentir o próprio amor por elas e acredita que a máquina lhe abriu um porta para um mundo emocional que de outro modo estaria sempre fechado e a isolaria dos outros.

A propósito desta atitude inconsciente do tipo introverso, Jung diz: *“ Que os objetos tem para ele uma qualidade potente e apavorante que não podem ver conscientemente mas que o fazem crer que os percebem através do próprio inconsciente...em consequência disso a sua relação com o objeto fica primitiva... é como se o objeto possuísse uma potência mágica”.*

Objetos novos e desconhecidos despertam temores e desconfianças como se escondessem perigos desconhecidos; objetos tradicionais são como costurados com fios invisíveis na sua alma; cada mudança é advertida como

perturbadora senão mesmo como um perigo já que à ele aparece como um objeto magicamente animado.(Jung, 1921)

Me parece que a narração de Grandin se dá no seu modo interno consentindo em compreender as possibilidades evolutivas da psiqué quando se confronta com defesas arcaicas do ser não educáveis, mas passíveis de emergir na consciência. Como ela mesma assinala, de fato falando da Máquina do Abraço os conteúdos produzidos pelo inconsciente se percebem na sua própria intensidade podendo então consentir na consciência reações também no nível emocional e abrir um acesso a conteúdos que rendam ao habitat o qual falava Houzel menos vazio.

Disse Holderlin: *“Aonde tem o perigo cresce também aquilo que te salva”*.

A impossibilidade inicial de perceber o corpo da mãe como uma atração, apesar do cuidado amoroso, e a angústia experimentada por não conseguir construir uma membrana acolhedora graças aos abraços humanos encharcados de Eros, faz experimentar o amargor do sal e a faz procurar um aperto mecânico que se torna uma esperança.

Essa animação mágica do objeto da qual fala Jung parece permitir de fato o doloroso percurso (nem sempre consentido aos sujeitos com distúrbios autísticos) que a faz sair de uma dimensão mortífera de um abraço percebido no seu mundo interno como um gesto que a pudesse engolir. Como se a sua Máquina do Abraço lhe houvesse permitido a passagem de uma experiência vital que seria mortal para ela, à dimensão de um claustro experimentado como vital.

E só através deste controle mecânico da intensidade dos impulsos -da constante variável á pulsante - que Grandin pode imaginar aquela energia que *desce do céu que a gente não procura*, acrescentando a sua rica porém árida existência, aquela magia que aquece e que dá sentido as nossas operações no mundo.

A solução que Grandin encontrou para conter a própria angústia isto é, para estancar a sensação da morte, continuando a imaginar a vida, abre importantes reflexões seja sobre o lado do diagnóstico como o terapêutico.

Se é verdade de fato que as defesas arcaicas como sugere Jung não são educáveis isto não significa que não seja possível alguma transformação no nível existencial. Na máquina que pulsa hora em forma contínua, hora em forma alternada podemos encontrar de fato uma conexão menor entre o sal e o enxofre, entre o princípio feminino e o masculino e entre a vida e a morte e podemos iniciar a imaginar novos percursos também em nossa atuação terapêutica diante da criança autista.

Uma criança que, como já sublinhei, não está em grau de se atrair pelo corpo do outro e que não é capaz de exercitar uma influência, aniquila o espaço terapêutico reduzindo mesmo o terapeuta a uma impotência e a um forte sentimento de angústia.

O *companheiro vivo* de Alvarez, (1993) é nesta perspectiva um terapeuta que renunciando momentaneamente ao eros dessa relação e ao logus da própria conceituação, sabe ativar em si e na criança autista porções de vida alquimicamente ponderadas que podem concretizar-se na primeira forma de sintonia entre eles.

É o mesmo corpo do terapeuta no seu habitat conectado aos aspectos que salvam e que matam do sal e do Sulphur presentes nos estados primitivos da película e da membrana que podem então escapar da Máquina do Abraço para poder oferecer a criança um acolhimento que não chegue à ela como mortal e que saiba promover uma curiosidade diante de um mundo mais colorido o que não pode oferecer uma máquina de madeira.

Porque também na marca, aperto, atrás das couraças e dentro das estereotipiases sobre o verbal pulsa um corpo que com todas as suas manifestações se abre à esperança!

Magda Di Renzo

Psicóloga/Analista Junguiana;

Docente da CIPA;

Diretora da Escola de Especialização de Psicoterapia da Idade Evolutiva e

Endereço Psicodinâmico do Istituto di Ortofonia- IdOdi Roma;

Responsável pelo Serviço de Psicoterapia da Idade Evolutiva do IdO;

Promove muitas pesquisas e produz várias publicações no âmbito das patologias infantil e adolescentes entre as quais o Progetto Tartaruga para crianças afetadas pelo Autismo;

Docente nas Diversas escolas de Especialização e Psicoterapia;

Artigos e Livros publicados na Italia, Brasil e EUA.

Tradução: Mônica Nicola

Psicanalista;

Membro do IdO;

Docente da Escola de Especialização de Psicoterapia da Idade Evolutiva de Roma;

Coordenadora do progetto tartaruga sobre autismo no Brasil;

Livros e artigos científicos publicados no Brasil e na Italia;

Editora do Capítulo Brasil do site Babele do IdO/Roma

Bibliografia

- Alvarez A., *Il compagno vivo*, Astrolabio, Roma, 1993.
- Alvarez A., *Un cuore che pensa*, Astrolabio, Roma, 2014.
- Anzieu D., 1985, *L'opelle*, Borla, Roma, 2005.
- Bick E., 1968, *L'esperienza della pelle nelle prime relazioni oggettuali*, In Isaacs S., Freud A., Winnicott D. W., Bick E., Boston M., Freud A. H., Brafman A. H., *L'osservazione diretta del bambino*, Boringhieri, Torino, 1984.
- Grandin T., Scariano M, *Emergence: labeled autistic*, Arena Press, Novato, California, 1986.
- Houzel D., *Il concetto di di involucro psichico in Anzieu D, et al. Gli involucri psichici*, Dunod, Milano, 1987.
- Jung C.G., 1955-1956, *Mysterium Coniunctionis*, Op.vol.14 tomo 1, Boringhieri, Torino, 1989.
- Jung C.G., 1921, *Tipi psicologici*, Boringhieri, Torino, 1977.
- Kalsched D., *Il mondo interiore del trauma: difese archetipiche dello spirito personale*, Moretti e Vitale, Bergamo, 2001.
- Meltzer D., Bremner J., Hoxter S., Weddel D., Wittemberg I., *Esplorazione sull'autismo*, Boringhieri, Torino, 1977.
- Sacks O., *Un antropologo su Marte*, Adelphi, Milano, 1995.
- Schore A., *La regolazione degli affetti e la riparazione del sé*, Astrolabio, Roma, 2008.
- Stern D. N., *Il mondo interpersonale del bambino*, Boringhieri, Torino, 1987.
- Tustin F., *Protezione autistica nei bambini e negli adulti*, Cortina, Milano, 1991.